

ILSE LOSA

A FLOR AZUL

E OUTRAS HISTÓRIAS

Ilustrações de MARIO BONITO

TIP. NUNES
R. José Falcão, 57
Porto



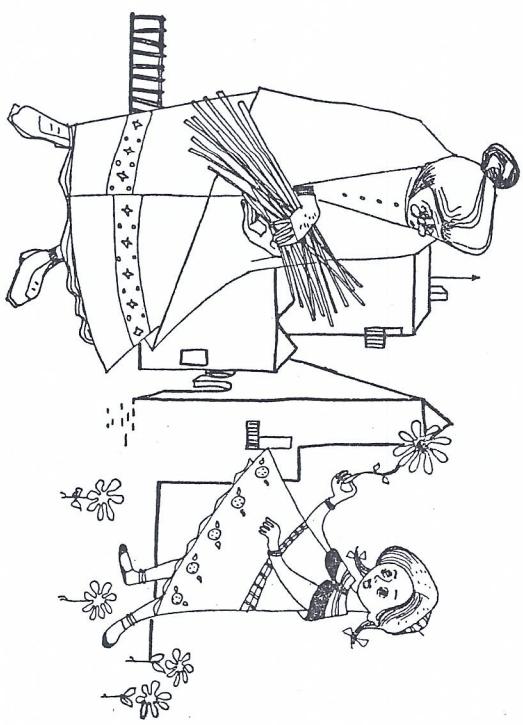
LIVRARIA FIGUEIRINHAS — PORTO

VOLUMES PUBLICADOS

- 1 — *Aventuras da Carochinha Japonesa*, por Emilia de Sousa Costa.
- 2 — *Aventuras do Barão de Munchhausen, (o Barão Aventureiro)*, adaptação de Henrique Marques Júnior.
- 3 — *O Vale Mágico*, por E. Keary, e *Velhos Contos Escandinavos*.
- 4 — *Jack, o Matador do Gigante, e outros contos*, por Grimm.
- 5 — *A Águia Encantada*, por Maria Pinto Figueirinhas, e outros contos.
- 6 — *O Moinho do Diabo e outros contos*, por Andersen.
- 7 — *Toni*, por Romeu Pimenta.
- 8 — *Joanito Africano*, por Emilia de Sousa Costa.
- 9 — *Nasceu uma Princesinha*, por Maria de Figueiredo.
- 10 — *A Lâmpada de Aladino e outros contos orientais*.
- 11 — *Era uma vez...*, por Marta de Mesquita da Câmara.
- 12 — *Festa do Galo*, por Isaura Correia Santos.
- 13 — *A Flor Azul*, por Ilse Losa.
- 14 — *As Sete Virtudes*, por Odette de Saint-Maurice.
- 15 — *Canteiro dos meus Amores*, por Marta de Mesquita da Câmara.
- 16 — *A Princesinha dos Cabelos de Ouro*, por Maria de Figueiredo.

PARA SILVIA, ANGELA,
MARIA HELENA E RUI

Uma rua muito estreita, onde o sol só conseguia entrar nos dias de grande calor, vivia a Sr.^a Emilia, que era uma mulher de limpeza em casas ricas e saía todas as manhãs cedo, para o trabalho. Tinha já os seus setenta anos e cabelos completamente brancos. Andava também um tanto curvada.



Toda a gente, naquela rua, gostava da Sr.^a Emilia, por ela ser mulher boa e por mostrar sempre cara alegre, embora fosse bem pobre e trabalhasse demais para a idade que tinha. Nunca se dava ao descanso, pois o ganho mal chegava para poder pagar o aluguer do seu quarto e as outras despesas da vida. Assim, ainda trabalhava como se fosse uma mulher nova.

A Sr.^a Emilia gostava muito das crianças e nunca passava por elas sem lhes dirigir alguma palavra e, não raras vezes, trazia-lhes, na sua saquinha de chita, pedacinhos de bolo que as freguesas lhe davam.

As pessoas amigas da rua costumavam perguntar à Sr.^a Emilia, quando a viam passar:

— Então, Sr.^a Emilia, como vai a vida?

E ela respondia:

— Menos mal, menos mal.

— Coitada da vellinha — diziam depois —, não sei como se consegue aguentar.

Aconteceu que naquela rua morava também Maria Ana, uma menina pequena, que ainda não andava na escola. Vivia com sua mãe, num terceiro andar. O pai morrera e, por isso, a mãe tinha de ir trabalhar todo o dia, justamente como a Sr.^a Emilia. Não limpava casas mas ia coser bainhas e pregar botões numa fábrica de malhas. Ganhava pouco e não podia comprar coisas boas para Maria Ana, como era seu desejo.

Um dia Maria Ana estava a brincar com pedrinhas — pois não tinha outros brinquedos — em frente do prédio onde morava. Era domingo e um dia de calor, de modo que o sol chegava a entrar na rua, o que a tornava mais airosa. Maria Ana viu a Sr.^a Emilia aproximar-se e perguntou-lhe:

— Então, Sr.^a Emilia, como vai a vida?

— Menos mal, menos mal, minha menina.

Parou e olhou para as pedrinhas com que Maria Ana se entreteinha. Perguntou:

— Maria Ana, já viste como o dia está lindo?

* * *

— Já, Sr.^a Emilia. A minha mãe até disse que hoje era domingo a valer.

— E tem razão. Vou aproveitar para ir ao pinhal apanhar caruma para o meu fogão. Queres vir comigo?

Maria Ana nunca fora ao pinhal. Sozinha, não sabia o caminho, e a mãe não tinha tempo para dar passeios; nos dias de semana ia à fábrica, e aproveitava os domingos para remendar roupas.

— Vou ver se a minha mãe me deixar ir, disse Maria Ana. — E, num instante, subiu as escadas.

— Mãe! A Sr.^a Emilia quer levar-me ao pinhal.

Deixa-me ir?

A mãe deixou e, daí a uns momentos, a Sr.^a Emilia e Maria Ana caminhavam lado a lado. Passaram a ponte e Maria Ana admirou os barquinhos no rio. Subiram depois um monte e quando chegaram ao cimo viram o rio lá em baixo. Os barquinhos, assim ao longe, pareciam brinquedos. Seguiram caminho por um atalho entre o milho. Já havia espigas, emburrhadas em folhas verdes, donde saíam longos fios.

— Parecem barbas — disse Maria Ana.

Chegaram ao pinhal. Maria Ana, ao ver os pinheiros altos e esguios bateu palmas de alegria:

— Como é lindo aqui!

A Sr.^a Emilia não tinha tempo para admirações. Começou a apanhar caruma, que ia juntando num montinho. Maria Ana quis ajudar, mas a boa velhinha disse:

— És ainda pequenina, Maria Ana, e eu trouxe-te para brincares à tua vontade.

Então Maria Ana correu, saltou e até se rebolou no chão, de satisfeita. Ao brincar assim, tão contente, reparou numa manchazita azul. Curiosa, aproximouse. Viu uma flor, azul como o céu. O sol, ao entrar pelas clareiras das árvores, regava-a com a sua luz dourada, o que lhe dava um brilho especial.

Sr.^a Emilia! Sr.^a Emilia! Venha cá ver!

A Sr.^a Emilia veio e exclamou:

— É mesmo uma flor dum dia de sol!

Maria Ana ajoelhou-se para cortar a flor azul. Mas a Sr.^a Emilia zangou-se:

— Não faças isso! Cortar uma flor tão linda! Queres que murche num instante e que não possa dar mais prazer a ninguém!?

Maria Ana quase ia chorando.

— Mas, Sr.^a Emilia, então não vê? Eu queria levar a flor à mãe. Ficava contente, não acha?

A velhinha ficou pensativa. E daí a bocado disse:

— Tens razão. A tua mãe ficava contente com uma flor tão bonita. Mas não a cortes, vamos levá-la com raiz, para que não murche.

* * *

As duas, a Sr.^a Emilia e a Maria Ana, enteraram as mãos na terra e soltaram um grande torrão que continha a raiz da planta.

Quando o Sol se pôs, longe, no horizonte, vermelho como o fogo, a Sr.^a Emilia e Maria Ana iam no regresso para casa. A velhinha carregava o aventureiro cheio de caruma e Maria Ana levava na mão, com grande cuidado, o torrão de terra com a flor azul.

A mãe ficou contentíssima. Plantou a flor numa latinha, que colocou junto da janela, para que recebesse luz.

No ano seguinte, a Sr.^a Emilia adoeceu. Não pôde sair e teve de ficar de cama. Toda a gente da rua lamentava:

— Coitadinha da Sr.^a Emilia! Levavam-lhe comida, pois, como não podia agora trabalhar, não ganhava dinheiro para comprar fosse o que fosse.

Nessa mesma altura uma flor azul novamente florescia na janela de Maria Ana, e a mãe propôs:

— Minha filha, vá, leva a latinha com a flor à Sr.^a Emilia. Ela assim lembra-se do pinhal e dos campos de milho.

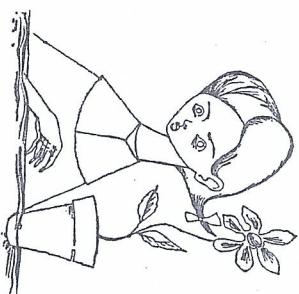
Maria Ana levou a flor à velha amiga e colou-lha numa mesinha, ao lado da cama. A Sr.^a Emilia, agora muito pálida e com os olhos cansados, agradeceu-lhe e disse:

— Como é tão linda esta flor! Faz-me julgar que estou nos campos e no pinhal e lembra-me o céu azul e os raios de sol.

Poucos dias depois, a Sr.^a Emilia morreu. Todos os amigos da rua choravam.

— Agora já não passava a velhinha com o saquinho de chita onde trazia pedacinhos de bolo para as crianças. Já não se lhe ouviam as palavras amáveis. Mas Maria Ana tinha junto da janela a latinha com a planta, que cada ano dava nova flor, dum azul brilhante. E compreendeu então que as

boas pessoas, mesmo quando morrem, não são esquecidas, porque nos fica delas a lição e a bondade que nos deram enquanto foram vivas.



A PONTE